

IMPÉRIO, BUROCRACIA E INTERDISCIPLINARIDADE COMO CONTEXTOS DA ANTROPOGEOGRAFIA DE FREDERICO RATZEL

Nilson Cortez Crocia de BARROS¹

Resumo

O trabalho aborda a situação contextual – expansão imperial, a interdisciplinaridade e a institucionalização disciplinar – da edificação da proposta da antropogeografia de Frederico Ratzel. A embaraçosa legitimidade da geografia como disciplina ante o desenvolvimento das ciências especializadas ou tópicas é examinada. Explora-se a influência da biologia evolucionista e da íntima relação com os estudos antropológicos para a edificação do pensamento geográfico, além da influência exercida pelas ramificações filosóficas. A institucionalização da disciplina é examinada desde os seus primeiros passos até os anos de 1930. O artigo emprega principalmente a abordagem da historiografia contextual.

Palavras-chave: antropogeografia; história da geografia; epistemologia da geografia.

Abstract

Within the contexts of Friedrich Ratzel's Anthropogeography: empire, bureaucracy and science interdependence

The work deals with the contexts – imperial expansion, bureaucracy and interdisciplinary exchange of knowledge – from within Ratzel's anthropogeography emerged. The challenged legitimacy of geography in the realm of science in late 19 century, when this broad subject was being threatened by the great achievements and the growing importance of the topic or specialized sciences, is examined. The influence of evolutionary biology and anthropology on the construction of geography is evaluated, as well as general philosophical influences on it. The bureaucratic environment of the discipline is described since its beginnings up to the 1930s. The article employs mainly a contextual approach.

Key words: anthropogeography; history of geography; epistemology of geography.

¹ Universidade Federal de Pernambuco - Professor de Geografia - Cidade Universitária (CDU) – 6º andar I. Básicos - 50640901 Recife, Pernambuco, Brasil

INTRODUÇÃO

O presente artigo, escrito na esperança de vir a ser lido pelos estudantes que se iniciam na geografia a nível universitário, aborda contextos que formaram parte das ramificações que nutriram a proposta da **antropogeografia** de Frederico Ratzel (1844-1904). Apóia-se ele em textos historiográficos não em língua germânica, mas em outras línguas e reconhecidos como apreciações maduras da edificação da geografia, inclusive traduções para o inglês e o português de trabalhos do próprio Ratzel. Isto, sem dúvida, produz uma limitação indesejável, e não sem consequências, que o leitor deve estar consciente. Contudo, dentro dos restritos objetivos do artigo, a saber, uma apreciação introdutória da contextualização da antropogeografia, esta limitação diminui sua negatividade. Este artigo será seguido por outro artigo mais dedicado à apreciação epistemológica mesma desta proposta, e isto quer dizer que o presente esforço historiográfico, em dois trabalhos, tenta combinar duas abordagens gerais da experiência da construção da geografia como campo disciplinar.

Ainda que de forma tentativa, pode-se entender os trabalhos de Livingstone (1992) e Capel (1981), entre tantos outros, por exemplo, como peças da historiografia mais **contextual**, pelo menos quando contrastadas com o modelo imaginado por Barnett (1996) de uma historiografia **aplicada**. Os exemplos mais numerosos de iniciativas historiográficas, tal como no caso dos dois exemplos citados acima, ou dos memoráveis trabalhos de Stoddart (1965, 1966, 1982), contudo, de fato manejam ambas as perspectivas, isto é, a análise dos contextos e a análise das *epistemes*, ainda que o balanço entre as perspectivas seja francamente variável.

No presente artigo serão apresentadas as condições da institucionalização ou estruturação burocrática da geografia na Alemanha e a irrigação vitalizadora da disciplina por idéias e conceitos e pontos de vista advindos das outras disciplinas, principalmente da biologia/zoologia e da antropologia. Associadas ao holismo e ao historicismo da filosofia universitária alemã, aquelas contribuições constituirão – não automaticamente como se poderia tolamente pensar, mas sim pela combinação das oportunidades institucionais com as habilidades singulares de muitas personalidades – a base da geografia moderna na sua **fase clássica ou regional**.

Não há uma simples e unificada interpretação para os momentos de edificação da geografia, reconhece a historiografia sistemática contemporânea. Mesmo porque, tal como no presente, é difícil encontrar em algum momento do passado um corpo disciplinar coerente, regular e unificado que se chamava “geografia” (HEFFERNAN, 2003, p.3). Geografia sempre foi, desde a Antiguidade (BARROS, 2004), um termo embaraçosamente elástico e as contribuições que lhe estão associadas vieram de todos os lados: da biologia, da antropologia, da filosofia, do urbanismo, da física, da geologia, da economia, da história, das engenharias, e assim por diante. Cada interpretação da disciplina que se ofereça expressa limites e potencialidades, cada interpretação reflete, consciente ou inconscientemente, reações, intencionalidades e ramificações culturais que incluem o próprio meio, ou mais precisamente o sítio cultural-acadêmico do próprio intérprete. E estas condições do narrador estão longe de serem uniformes e longe de não possuírem tessitura cultural e histórica ativa. Os narradores, de fato, não estão numa superfície isotrópica, e resulta que não duvidar da “única e coerente” interpretação deriva mais dos limites dos nossos próprios horizontes culturais como indivíduos².

² Em 1981, Hart assim se expressava: “Necessitamos de uma abordagem mais flexível e menos dogmática da nossa disciplina...Devemos respeitar qualquer forma de good scholarship e não podemos nos deixar intimidar por aqueles que exibem a bandeira da Ciência” (HART, 1982, p.5). O termo “cientista” surge em 1840, com Whewell (STODART, 1982, p.290).

Os dois principais estímulos para o presente trabalho advieram das leituras – para fins de pesquisa sobre assentamentos humanos e dinâmica demográfica em zona de fronteira de expansão – de obras sobre as populações nativas no extremo Norte da Amazônia³, e das responsabilidades de ensino no campo da história e epistemologia da geografia. Naturalmente os dois motivos convergiram para um trabalho sistemático de história da geografia propondo-se a combinar elementos da abordagem contextual – imersão da *episteme* nas ramificações sociais, institucionais, culturais, políticas, etc – por um lado, com elementos da abordagem mais epistemológica ou funcional para os desafios operacionais presentes à disciplina, por outro. Esta segunda abordagem é denominada – por Barnett (1995) – de abordagem útil⁴, em contraste com a primeira sobre a qual lança forte criticismo quanto à sua efetiva praticidade.

A ÍNTIMA RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E HISTORICISMO NA EXPERIÊNCIA IMPERIAL: A ECOLOGIA EVOLUCIONISTA DO HOMEM

Os impérios apresentam estilos diversos ao criarem idéias. O grande vigor das iniciativas filosóficas gregas na era dos *physikós* repousou na drenagem da riqueza intelectual das periferias – Egito, Fenícia e Mesopotâmia, que por sua vez haviam assimilado conquistas técnicas, culturais e intelectuais das zonas ainda mais distantes –, e os filósofos de destaque depois convergiam para o centro geográfico do império (BARROS, 2004). Em contraste, o grande vigor da criação científica e intelectual advinda do Iluminismo baseou-se numa imaginação que conduziu ao “rebaixamento” das periferias e foi realizado pelo próprio nativo europeu, nativo que digeriu a experiência do *encounter* propiciado pelas viagens e pelas leituras que a emergente indústria editorial lhe fornecia. Mas este mesmo nativo “rebaixou” a si próprio também, e parece continuar apreciando este rebaixamento, a induzir pelo episódio de agosto de 2005 da exibição de oito seres humanos em uma cova de zoológico europeu, seres estes escolhidos após “criteriosa seleção” realizada por renomada sociedade zoológica. Civilização no topo, e barbárie na base, o **evolucionismo** (“progresso”) costurou o dilúvio dos dados naturais e culturais que a expansão européia produziu (BURY, 1932).

A idéia de evolução está intrinsecamente associada à construção da geografia moderna. Mas, o episódio da fixação da ***episteme* regional cultural e ecológica** na disciplina influenciado pela teoria da evolução, apesar de representar a fundação da geografia moderna e de seus ecos continuarem nos rondando e iluminando significados – como, por exemplo, o evidenciam Stoddart (1965, p.249-250), Andrade

³ Como por exemplo do trabalho *Del Roraima al Orinoco* do antropólogo e geógrafo Theodor Koch-Grünberg (1966) que esteve na área no começo do século 20.

⁴ Na sua análise sobre os benefícios que muitos retiram do culto ao passado David Lowenthal transcreve – após a epígrafe “The Past for Poets; the Present for Pigs” que toma de Samuel Palmer – palavras escritas por este literato em 1862: “A preferência pelo presente como matéria de gosto é um sinal seguro de mediocridade” (transcrito por LOWENTHAL, 1985, p.36). Devo esclarecer que energias foram despendidas no presente trabalho apenas por que o nosso entendimento das idéias dominantes na nossa disciplina – como centro/periferia, centro e alcance, redes e difusões, região e desenvolvimento (ou tradição) – adquirem auto-reflexão, e portanto mais racionalidade, quando rastreamos suas relações de anterioridade ou genéticas com a fixação da *episteme* moderna. Ver o trabalho sobre as representações cartográficas de Seemann (2002).

(1982, p.191,192), Santos (2002, p.80-82) e Monteiro (2000, p.30) em relação à análise de sistemas, e Andrews (1984) em relação à exploração do humanismo em geografia –, não é ele um fato de compreensão direta. As dificuldades gerais na Alemanha que se seguiram ao ano de 1945, a consolidação da geografia de língua francesa certamente facilitada pelo vácuo criado pelo primeiro fato, e a expansão dos ambientes acadêmicos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, isto tudo acompanhado pela crescente dominância editorial e científica da língua inglesa, constituíram-se em obstáculos gerais à apreciação daquele episódio⁵.

O tempo decorrido desde então criou também muitos novos contextos institucionais, como as marcadas divisões departamentais, novos temas e variadas práticas nos ambientes acadêmicos, de modo que aquela íntima interação entre a antropologia, a biologia e a geografia da qual emergiu a proposta moderna para a geografia – “um produto do encounter com o mundo não-europeu” (LIVINGSTONE; WHITERS, 1999, p.21) – não é hoje, especialmente nos nichos acadêmicos onde as relações entre a antropologia das populações tradicionais e a geografia são escassas, o que é precisamente o caso do Brasil, de fácil entendimento. Depois da 2ª Guerra o *mainstream* dos estudos geográficos dirigiu-se para as denominadas **paisagens avançadas** ou para o então chamado **terceiro mundo** numa perspectiva econômica e política **euro-desenvolvimentista** (dirigista ou de mercado).

Camadas de depósitos de formatos cognitivos aplicados à análise destas circunstâncias espaciais foram em consequência derramados sobre aquelas interações originárias muito sutis que resultaram do *encounter* iluminista, e que de algum modo – pelo menos na evidente dependência que mostravam à idéia de desenvolvimento ou progresso – lhe serviam de inspiração. Mas esta inspiração, ou os primeiros passos modernos da disciplina, tornaram-se obscuros e inconscientes para parte das gerações mais recentes. Muitos textos didáticos não ajudaram a esclarecer este problema ao operarem a reconstrução da geografia moderna pela estrita seqüência Humboldt/Ritter–Ratzel. Às vezes também a natureza epistemológica do problema era inconscientemente evitada pela super-politização militante da análise historiográfica mediante a redução da complexidade daquela situação originária à evidente utilidade ou funcionalidade estatal da contribuição de Ratzel. O problema para a historiografia da geografia é que aquela complexidade parece irreduzível e que os problemas que ela suscitou estão vivos.

Ratzel evidenciou nas suas propostas ecos do holismo tão bem expresso nos trabalhos de Humboldt e Ritter, mas ao mesmo tempo ele aspirou contribuições de Darwin e Haeckel. Uma singular combinação entre filosofia idealista e empiricismo é talvez uma definição adequada para este momento extraordinário na formação da disciplina. Nela há impulsos observacionais do positivismo bruto pré-círculo de Viena e há também nela certos traços metafísicos tão necessários à empresa teórica. Não seria a **região geográfica** clássica um pequeno **cosmos** suscetível ao **progresso/mudança**, o que lembra a imaginação romântica tão cara a Humboldt e o evolucionismo do século 19? Determinada região, seria ela uma modalidade – **espécie** – de fragmento da superfície da Terra, logicamente passível de **tipologia/clas-sificação**, diferenciada por processos de regionalização comandados pela **cultura**, ou diferenciada por processos comandados pelo sistema **biofísico**, como agentes? Ratzel e outros naturalmente oscilam entre as explicações, oscilação nada singular, pois Darwin é um exemplo sempre lembrado das oscilações interpretativas diante dos dados coletados quando indagou permanentemente a si próprio sobre o papel do isolamento, e dos contactos entre as formas de vida, na especiação.

⁵ As imagens que percorreram o mundo sobre os detalhes das condições e dos ambientes de trabalho na geografia durante a dominação do nacional-socialismo na Alemanha acentuaram o distanciamento. Detalhes serão apresentados na parte de artigo referente à institucionalização.

As propostas de Ratzel parecem ser corolário do seu *encounter* com a América, um além-mar muito especial em função das condições de um verdadeiro turbilhão de colonização, imigração, urbanização, industrialização e estrondoso progresso (RATZEL, 1988). Daí emergem suas reflexões gerais sobre o que poderia acontecer em **termos de diferenciação (especialização)** – isto é, de formação de uma nova cultura, de uma **nova região cultural**, de um novo povo – num **meio** para onde convergiam massas de imigrantes de diferentes origens culturais. De que maneira as cidades e mais cidades que se edificavam e as máquinas e a industrialização que avançavam criando talvez uma nova cultura, uma nova zona cultural, eram reflexo das **migrações e das difusões culturais** associadas a estas?

Aqui e ali geógrafos do final do século 19 e começo do século 20 emitem generalizações deterministas, e aqui e ali apenas propõem possibilidades ou particularismos explicativos. O posterior abandono dos exageros das generalizações deterministas ainda na mesma primeira metade do século 20 acabou por produzir na geografia o exagero oposto à generalização, exagero definido como uma espécie de resignação à atitude descritiva, tipológica ou classificatória, e uma resistência às modelizações e às teorizações, como o indica Diniz (1971, p.12,13). Esta atitude, que talvez pudesse ser definida como um **indutivismo tímido**, tornou-se bloqueio por ancoragem burocrática/institucional, evidenciando-se um claro desequilíbrio entre o *logos* e os mecanismos de poder. As palavras de F. Schaefer (1953), que criaram embaraços editoriais, foram emancipatórios em relação àquele bloqueio pois tentaram recuperar a ousadia teórica na perspectiva do neopositivismo⁶.

SEQÜÊNCIA HUMBOLDT/RITTER–RATZEL?, OU A VITALIZAÇÃO ADVINDA DO AMBIENTE EXTERNO?

As mortes de Carl Ritter e de Alexandre Humboldt, ambas no ano de 1859, marcam o fim de um período na formação da geografia de língua alemã que é denominado por Schelhaas e Hönsch (2001, p.9) de “o período clássico da geografia germânica”. Paradoxalmente, contudo, após o falecimento destas duas figuras lendá-

⁶ Evidentemente, não mais com a natureza das interpretações grandiosas como em *História da Humanidade* de Ratzel (1897). Por outro lado, a perspectiva generalizadora podia conduzir a homogeneizações exageradas das particularidades, ou singularidades, presentes no espaço geográfico (ANDRADE, 1982, p.191). Sobre o indutivismo como atitude diante dos fatos ver arguta observação de Valverde (1979) em sua *Apresentação* ao trabalho de L. Waibel. De fato, o debate entre a construção das representações homogeneizadoras do espaço geográfico, por um lado, e a apreensão das particularidades ou singularidades neste espaço ultrapassa o campo estrito da geografia como disciplina e se estende para o campo mais amplo da reflexão humana, permanecendo sempre metafísica e deliciosamente controverso. É ao que nos induz as palavras de Paul Ricoeur (1913-2005): “Singularidades: vejo-as de três espécies...cada rosto é único...cada obra de arte é a solução de um problema...uma paisagem é uma totalidade única no seu gênero, na sua cor, ou em outra coisa qualquer...” (1999, p.42). Uma interpretação da chamada renovação teórica foi feita, embrionariamente, mediante a psicografia, que é empregada nos estudos de marketing e aceitação de produtos pelos consumidores (BARROS, 2003, p.7). Poderiam ser os geógrafos, ainda que esquematicamente, considerados em dois tipos extremos: os psicocêntricos (com aversão à inovação), e os aloocêntricos (irrestritamente absorvedores das novidades); e propõe-se um tipo intermediário (midcêntrico). Na realidade, estes tipos são ideais e apenas referenciais, vez que de fato registrar-se-iam diferentes combinações de atitudes em relação às inovações. Tal modelo pressupõe ambientes institucionais onde se reconhece o direito do estudante em ser exposto a versões diferentes e mesmo conflitantes da natureza da sua disciplina.

rias das narrativas historiográficas iniciam-se duas décadas de certo **recesso no prestígio da disciplina**. A cadeira de geografia na Universidade de Berlin ocupada por Carl Ritter, e que havia sido criada para ele em 1820, ficará vazia por vários anos com o seu falecimento, e mesmo cinqüenta anos depois daquela primeira cátedra ser criada, isto é, em 1870, a geografia como disciplina acadêmica estava presente em apenas três Universidades na Alemanha: Berlin, Göttingen e Breslau (DICKINSON, 1969, p.53). Naquele ano de 1859 – do falecimento das duas proeminentes personagens do período clássico – Charles Darwin publica a *Origem das Espécies*.

Tanto P. Claval, na sua *Evolución de la Geografía Humana*, quanto H. Capel (1981, p.85), ambos consideram que antes das duas décadas finais do século 19 – isto é, antes da academicização da disciplina – não havia “um verdadeiro ambiente geográfico” (CLAVAL, 1974, p.35). Para Capel (1981, p.85) a geografia havia mesmo perdido prestígio e experimentava decadência por **perda de conteúdo face às especializações** e aos desenvolvimentos ocorridos nas ciências que, anteriormente, estavam reunidas sob seu nome⁷. Valkenburg (1967, p.92) aponta também a existência da **recessão** que se seguiu às mortes de Humboldt e Ritter. A geografia mantinha o seu caráter descritivo dos lugares, contrastante com a crescente capacidade de generalização das outras ciências, inclusive com os conhecidos exageros no campo dos estudos históricos e sociais tal como descoberta do suposto e obscuro fio da história. O surgimento de Ratzel representa a co-participação da geografia nas generalizações abrangentes, bem ao estilo da época.

Horácio Capel afirma que Humboldt e Ritter teriam sido no máximo “precedentes” da Geografia moderna, mas não “fundadores”, e argumenta: “Não se trata de negar que ... suas idéias puderam ser logo utilizadas pelos geógrafos...porém são figuras isoladas a partir das quais não se criou rede institucionalizada de discípulos...além disto, exerceram pouca influência na geografia da época” (CAPEL, 1981, p.85). Ratzel, sem dúvida, retoma estudos de Carl Ritter na sua *Antropogeografia*, volume I, não para aproveitar-lhe a metodologia e os moldes passivamente; mas sim para tratar temas similares propondo perspectivas e metodologias diferentes (TATHAM, 1967, p.63), com base na biologia evolucionista e na antropologia. Esta visão alternativa que produz e propõe, marcando o início da geografia moderna, é a sua antropogeografia.

A emergência de Frederico Ratzel realiza-se no contexto seguinte à recessão. Mas, se se instalou certa decadência ou recessão no prestígio da geografia durante duas décadas, num dos ramos sistemáticos da ciência – ramos que se desenvolviam rapidamente –, precisamente na zoologia, e em contraste, medravam com sucesso **as idéias de evolução e ecologia**. Drenadas por Ratzel e associadas à **investigação antropológica**, estas idéias, ironicamente, produzirão a revitalização da geografia que se encontrava ameaçada como disciplina pelo próprio desenvolvimento daqueles ramos sistemáticos.

As discussões raciais e sobre a temática da evolução na antropologia e na biologia haviam se tornado muito importantes depois da publicação da *Origem das Espécies*, por Charles Darwin (1859), a ecologia dava seus primeiros passos com Haeckel e os etnógrafos lançavam-se pelo mundo em busca de materiais para tipologizar evolucionariamente os grupos raciais e culturais. Este era o ambiente cultural e cien-

⁷ O problema da legitimidade da disciplina ante o desenvolvimento dos especialismos, contudo, projetou-se para os anos finais do século 19 e para o século XX. Barrows (1923, p.2), por exemplo, reporta que Hogart assim se expressou na Inglaterra em 1922: “Não irá a Geografia se fragmentar em especialidades, e tornar-se então uma venerável memória?”

tífico da institucionalização que envolveu Ratzel, e estas influências contemporâneas serão, na opinião de Stoddart (1966), Claval(1974), Sauer (1971, p.245)⁸, e de outros, decisivas na definição do seu pensamento geográfico.

Mas, na edificação da geografia diante deste novo contexto difícil é não reconhecer, reconstruídas, as idéias **cosmográficas e holísticas** de Humboldt e Ritter.

O primeiro, no *Cosmos*, declara que o moveu o impulso de “representar a natureza como um grande todo movido e animado por forças internas” (HUMBOLDT, 1952, vol.I, p.9), e o segundo, C. Ritter, na sua *Introduction à la Géographie Generale Comparée*, entende como o projeto para a geografia o “conhecimento total do Todo” (RITTER, 1974, p.45). G. Tatham (1967, p.64) é afirmativo a este respeito, evidenciando como Ratzel procurava ver o mundo como um todo integral evoluindo por dinâmica interativa. Vindo da zoologia, Ratzel oferece uma estruturação à geografia a partir da combinação dos conceitos e métodos da zoologia e da antropologia com a antiga tradição holística da disciplina, tarefa na qual a sua habilidade de comunicação jornalística em muito, certamente, ajudou.

A proposta ratzeliana é essencialmente historicista. A vinculação do pensamento de Ratzel ao de Ritter é sobretudo no campo filosófico, no sentido de uma identidade comum com este holismo/historicismo de Herder e da denominada filosofia universitária alemã do século 19, pois como o observou Raffestin (1993, p.15), a Alemanha de então “achava-se mergulhada no contexto hegeliano”. Speth interpreta esta atitude historicista germânica como oposta ao que seria o positivismo anglo-francês (1999, p.123).

A INSTITUCIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA E DE PESQUISA DA GEOGRAFIA NA ALEMANHA

Esta importante fase que se chama de **academicização da geografia** – ou de efetiva ocupação e progressiva proeminência da geografia na vida universitária germânica – começa a ser desenhada em 1871 quando se forma a nação alemã, e estende-se até antes da 1ª guerra (SCHELHAS; HÖNSCH, 2001, p.9). O poder do estado moderno alça e estimula efetivamente o trabalho geográfico através da sua **organização burocrática**, burocracias que, como escreveu Claval “organizam ... a distribuição dos serviços e asseguram o enquadramento da vida cultural” (CLAVAL, 1979, p.158), burocracias à qual Frederico Ratzel dedicou muito da sua energia. A partir de 1874, em seguida à guerra entre a Prússia e a França (1870-1), o governo prussiano empenhou-se em criar cadeiras de geografia em todas as universidades públicas, e daí se inicia a denominada academicização ou institucionalização universitária da disciplina.

Na década de 1880, 11 cátedras de geografia são estabelecidas, sendo este o período do maior crescimento. No começo da 1ª Guerra (1914) existiam 23 cátedras,

⁸ Nas próprias palavras de C. Sauer, F. Ratzel chega à “geografia vindo das ciências naturais, orientado e com o novo ânimo conferido pela doutrina da evolução” (1971, p.245). O fato de as duas figuras líderes da institucionalização da geografia na Alemanha terem vindo das ciências físicas não é sem consequências epistemológicas para a disciplina; isto denota o treinamento básico que receberam e significa específicas relações interdisciplinares, ainda que, no caso de Ratzel, claramente existam incursões integradoras à Antropologia. Valkenburg (1967, p.97) lamenta que a institucionalização da disciplina na Alemanha foi acompanhada por uma crescente dominância da geografia física, em detrimento de um correspondente desenvolvimento na geografia econômica, que teria sido negligenciado.

e em 1933, no que hoje se compreende como Alemanha, 30 cátedras, sem contar outras em territórios de língua alemã (ELKINS, 1989, p. 17). A expansão da posição da geografia nas universidades é sóbria e sustentada, e acompanhada por um sólido programa de pesquisas na Alemanha e no ultramar. Esta expansão acadêmica se apoiará também nas denominadas sociedades geográficas e tudo isto será responsável pela incontestável liderança e reputação adquirida pela geografia de língua alemã no final do século 19 e primeira metade do século 20, em contraste com o que se passava na Grã Bretanha e nos Estados Unidos (ELKINS, 1989, p.17). Quando Ratzel retorna das suas viagens à América encontra a política da institucionalização universitária em pleno vigor.

A tradição holística e histórica da geografia parecia importante ao estado para “reforçar e popularizar a idéia do Estado-Nação” (HOLT-JENSEN, 1988, p.21). Então, com o estado-nação organizado existia o agente central interessado em estimular a produção do conhecimento educacional e aplicado útil à política nacional e ao domínio colonial para competir com França e Inglaterra. A Alemanha, ainda que tardiamente, industrializava-se com rapidez e avançava sobre a África na busca das matérias primas para a sua indústria e muitas expedições científicas passam a ser organizadas. Um departamento colonial – *Comissão Especial para Exploração das Áreas sobre proteção Alemã* –, este **nicho burocrático privilegiado para a construção da geografia**, é criado para organizar a administração do ultramar (SCHELHAS; HÖNSCH, 2001, pp.15-16), e aí a geografia exerce importante papel. Predominantemente, as oportunidades acadêmicas que serão abertas a partir de então serão ocupadas por pessoas educadas e construídas no ambiente da **classe média** germânica (SPETH, 1999, p.7) que usualmente vinha servindo profissionalmente ao estado por várias gerações (ELKINS, 1989, p.19).

Ratzel assume em 1875 a cátedra de geografia na Universidade de Munique e sua influência, ao lado de Richtoffen⁹, ainda que ambos apresentassem estilos e focos de pesquisa diferentes, então começará. Ratzel era muito mais popular entre os estudantes, tendo orientado mais de cem teses, enquanto Richtoffen exercia mais influência sobre os profissionais mais maduros que mesmo depois de terem defendido suas teses retornavam para assistir suas aulas (VALKENBURGH, 1967, p.92). Os que eram alunos neste período – isto é, aqueles que vão constituir a segunda geração resultante da institucionalização – formarão nos primeiros anos do século 20 a geração da denominada **“idade de ouro”** da geografia de língua alemã (VALKENBURGH, 1967, p.96; DICKINSON, 1969, p.60): Alfred Hettner, Albrecht Penck, entre outros, que influenciaram fortemente a geografia cultural ou humana de C. Sauer (SAUER, 1925) e de R. Hartshorne (SPETH, 1999). Americanos e europeus acorriam às universidades alemãs em busca do prestigioso treinamento geográfico germânico (VALKENBURGH, 1967, p.91).

⁹ Ferdinand von Richtoffen (1833-1905) – que falece no ano seguinte à morte de Ratzel – ocupou a cátedra de Geografia na Universidade de Bonn de 1877 a 1883, e depois assumiu a cadeira de Geografia na Universidade de Leipzig. Quem o sucede em Leipzig é o próprio Frederico Ratzel. Claval argumenta que apesar de Richtoffen ter sido aluno de Carl Ritter, este parece não lhe ter influenciado de maneira substancial. Richtoffen era originalmente um geólogo e permaneceu sempre como um naturalista (CLAVAL, 1974, p.36; VALKENBURGH, 1967, p.92), enquanto Ritter era mais histórico e teleológico. Holt-Jensen (1988, p.29) reforça a opinião de Claval ao afirmar que os alunos de Richtoffen eram orientados para o estudo da geomorfologia. Ambos, Ratzel e Richtoffen, chegaram à Geografia “pela via das ciências físicas” (VALKENBURGH, 1967, p.92). A significância desta base externa para a construção da antropogeografia em foco, assim como as decisivas influências dos estudos econômicos e filosóficos neopositivistas no chamado movimento teórico na Geografia a partir dos anos de 1950, e ainda a contemporânea influência dos denominados estudos culturais nas agendas de pesquisa na disciplina, tudo isto leva-nos a ser receptivos às palavras de J. Hart, antes citadas.

Na seqüência surge uma terceira geração, aquela que veio adquirir seu maior prestígio dos anos de 1930 em diante e vivendo durante o período nazista; desta geração Leo Waibel é um dos mais proeminentes (DICKINSON, 1969, p.60). Waibel teve grande influência nos estudos geográficos agrários no Brasil (VALVERDE, 1979; DINIZ, 1984, p.41; ETGES, 2000; FERREIRA, 2002) com sua proposta de estudo da morfologia da paisagem rural (FERREIRA, 2002, p.31) e sua abordagem mais cultural (econômica) em contraste com a abordagem do ambientalismo físico (VALVERDE, 1979, p.14). Tanto a segunda quanto a terceira gerações ambas foram participantes e beneficiárias da **sistemática ampliação** – correspondente aos interesses germânicos – **global nos horizontes dos trabalhos geográficos de campo** em direção à Ásia, ao Pacífico, à América do Sul, e à África, um fato tornado viável pela **institucionalização**. Neste último continente estava Leo Waibel (1888-1951) quando se iniciou a 1ª guerra (VALKENBURGH, 1967, p.97), e aí permaneceu realizando trabalhos até o final de 1919 (WAIBEL, 1950, p.7)¹⁰.

Ainda que estabelecida respeitosa e firmemente na rigorosa academia que gerara o **clássico scholar modelo do moderno PhD**, ainda que reputada como eficiente ferramenta de reconhecimento dos espaços internos e extra-europeus na perspectiva e utilidade imperial, e ainda que reconhecida – a concluir pelo apoio conceitual e metodológico que ecoou em trabalhos como os de Barrows (1923), Carl O. Sauer (1952) e R. Hartshorne (1939) nos Estados Unidos, La Blache (1954), Jean Brunhes (1962) e Cholley (1942) na França, entre tantos outros, assim como no Brasil (VALVERDE, 1979) – como a mais prestigiosa das experiências nacionais da construção da geografia no começo do século 20, isto tudo não foi suficiente para deter os **estrágos institucionais** que se seguiram à denominada “idade de ouro”.

As turbulências que acometeram a Europa a partir do final dos anos de 1930, caracterizadas pelos conflitos de propostas de poder, penetraram profundamente nos **tecidos institucionais** que haviam sustentado a disciplina e a conduzido à sua “idade de ouro”. Retornemos às imagens, referidas anteriormente em nota, que percorreram o mundo sobre os detalhes das condições e dos ambientes de trabalho para a geografia durante a dominação do nacional-socialismo na Alemanha. Waibel declara no seu currículo que foi aposentado da cadeira de professor de geografia da Universidade de Bonn em 1937 como consequência de “restrições étnicas à sua esposa” (WAIBEL, 1950). Já bem idoso, Alfred Hettner (1859-1941) – o metodologista regional cujas idéias foram decisivas para a proposta de Richard Hartshorne (1939) – renunciou ao prestigioso *Geographische Zeitschrift*, periódico que fundara (1895) e que era conhecido como “o seu” periódico; estava sendo acusado de “positivista liberal” (VALKENBURGH, 1967, p.110), uma denominação que então só criava embaraços profissionais. O periódico mencionado foi um dos pilares editoriais para a chamada “idade de ouro” e fonte básica para a definição metodológica da geografia moderna corológica.

Mas a **hipertrofia das idéias e propostas políticas homogeneizadoras e anti-liberais**, as colisões radicais entre elas e o centralismo das suas fontes, produziram ainda mais efeitos. Albrecht Penck, eminente fisiógrafo, autor da influente obra *Morfologia da Superfície da Terra* e sucessor de Ferdinand von Richtoffen

¹⁰ A carreira inicial de Leo Waibel é arquetípica de como as colônias e as relações centro-periferia, propiciando o *encounter*, foram decisivas na formação da geografia moderna. Tendo estudado em Heidelberg e Berlin, e recebido influências diversas, inclusive de Penck e Hettner, inicialmente orientou-se para a biogeografia. Com 23 anos (1911-12) embarca para a África, e novamente para este continente em 1914. Nos anos de 1920 volta suas atenções para o fator econômico na estruturação das paisagens, aproximando-se do modelo de uso do solo de Thünen, baseado na distância-custo. Viaja então ao México e aos Estados Unidos, quando, segundo Pfeifer, atinge a maturidade de emprego dos métodos da geografia econômica (PFEIFER, 1952).

(1833-1905) – ambos dedicados à geomorfologia – na Universidade de Berlin, que era a posição de maior prestígio em Geografia no país, teria sido acusado de não entender que as coisas haviam mudado; seria considerado “incapaz de entender a nova era” do controle governamental (VALKENBURGH, 1967, p.96). Os ambientes institucionais que haviam dado fluxo à **empresa liberal e de classe média de construção da disciplina** tornaram-se irreconhecíveis. As cenas dos calorosos – “e freqüentemente violentos”, segundo Valkenburg – debates que haviam caracterizado os encontros dos professores de geografia até o começo dos anos de 1930 haviam desaparecido, e sob a influência e controle da *Organização dos Professores Socialistas Nacionais* os encontros tornaram-se silenciosos (VALKENBURGH, 1967, p.110).

Ao mesmo tempo havia uma produção em massa de livros de extraordinária qualidade gráfica: “alguém pode perguntar, quem pagava estes livros – as vendas certamente não cobriam os custos” (VALKENBURGH, 1967, p.108). Com o tempo os ataques a algumas figuras das mais eminentes foram se tornando particularmente destrutivos (ELKINS, 1989, p.20). Marxistas imprevisíveis, como Karl Wittfogel, enfrentaram severas dificuldades (HEIDEMANN et al, p.1-17). A situação na Europa Oriental, no contexto do socialismo imperial russo, apresentava semelhanças à da Europa Central. Geógrafos tiveram suas práticas e reflexões estreitadas para formar “**quadros de especialistas**” que, uma vez forjados mediante rápidos treinamentos tópicos restritos a assuntos considerados relevantes, logo eram eles “enviados para tarefas práticas ... evitando-se a ampla e integrada filosofia tradicional” da disciplina (HOOSON,2001,p.233). Estas “marchas forçadas” e militantes em direção ao “progresso” deixaram rastros de destruição que foram tanto mais recicláveis quanto mais tradicionais, amplas, variadas, criativas e originárias eram as experiências culturais dos povos aonde, infelizmente, os episódios mencionados tiveram lugar

CONCLUSÕES

A historiografia sistemática da geografia tem repetidamente afirmado a influência do pensamento de Charles Darwin sobre a formulação moderna da disciplina, formulação esta na qual a antropogeografia de Frederico Ratzel foi decisiva. Tal conclusão deriva de uma exploração historiográfica não internalista da construção da geografia, uma vez que a historiografia internalista e didática persistia rotinizando a idéia da supostamente coerente, e praticamente fechada, seqüência Humboldt/Ritter-Ratzel. Mas, considerar a influência de Darwin e sua biologia evolucionista sobre a geografia como única influência torna difícil imaginar a geografia moderna, uma vez que a disciplina emerge também das influências da antropologia e da filosofia. Além disto, a geografia moderna toma forma – disciplina-se, formata-se – através da institucionalização acadêmica e de pesquisa que **profissionaliza a classe média**. Trata-se de um contexto amplo e irreduzível, este do qual surge a geografia moderna com o seu historicismo, o seu holismo, e o seu secularismo e progressivismo.

O ambiente do século 19 era francamente de intercomunicação entre os campos científicos em desenvolvimento, marca e herança do período anterior ao enquadramento institucional. Prevalciam, realmente, os vários **discursos** científicos sem sistemáticas separações, em contraste com o posterior enquadramento burocrático-disciplinar moderno. É neste ambiente que dois campos do conhecimento exercerão influências decisivas na construção da proposta de Frederico Ratzel: **a biologia (zoologia) e a antropologia**. Mas estes dois discursos, por sua vez e bem ao estilo da época, haviam já drenado conhecimentos de outros campos, como é precisamente o caso da influência da geologia de Lyel ou dos estudos sobre a popula-

ção humana de Malthus sobre a biologia evolucionista. A geografia, ameaçada em seu prestígio pelo desenvolvimento destes campos que haviam estado, no modelo enciclopédico, sob sua abrangência – e Humboldt é reconhecido como o último dos sábios enciclopédicos –, encontra **no estudo integrado das relações cultura/meio ou homem/meio**, isto é, na **ecologia humana**, sua legitimação para alojar-se no ambiente acadêmico em formação. Ratzel herdara também o **holismo da denominada filosofia universitária alemã** – característica de Ritter – e com este holismo fundiu conhecimentos multidisciplinares.

O compartilhamento das características epistemológicas se tornou possível pela estreita interação internacional entre os emergentes sítios culturais da produção e da sedimentação da identidade geográfica, sítios imperiais tais como as universidades e as sociedades geográficas localizadas em pontos diferentes do mundo. Com seus encontros e publicações regulares e avulsas e a formação de novos profissionais, as estruturas acadêmicas e de pesquisa foram se expandindo em *network* ao redor do mundo por um processo de difusão imperial. E, dentro de outros países, nas circunstâncias das suas **ecologias culturais, sociais e político-administrativas**, recriava-se continuamente o mesmo processo civilizatório.

Lições mais gerais podem ser extraídas da experiência que acabou de ser esquematicamente sumarizada. Destacá-riamos duas: **a** - é o lastro da filosofia mais ampla e tradicional da geografia que propicia atitudes reativas e críticas ao geógrafo nos ambientes institucionais onde, episodicamente, erode-se o direito do estudante em ser exposto a versões diferentes e mesmo conflitantes da natureza da sua disciplina; **b**- as recriações no pensamento geográfico ao longo dos séculos 19 e 20, para ficarmos mais próximos, advieram dos contactos interdisciplinares, e isto mesmo depois – e apesar – das “departamentalizações especializadas”. Decorre disto que há uma permanente tensão entre **burocracia e logos, poder institucional e reestruturações epistêmicas, rotinizações e inovações**, sugerindo que, rigorosamente, não apenas as *epistemes* se deterioram e se reciclam. A experiência da construção da geografia nos dois últimos séculos oferece exemplos de equilibrada relação ecológica entre estes pares, mas também do inverso.

Agradecimentos: ao CNPQ, à Capes e à Facepe/PE, que em momentos diversos ofereceram os suportes necessários que tornaram possível o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. In: SANTOS, M. (Org.) **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. p.181-201.
- ANDREWS, H. The Durkheimians and human geography: some contextual problems in the sociology of knowledge. **Transactions of The Institute of British Geographers**, v. 9 N.S., p.315-336, 1984.
- BARNETT, C. Awakening the dead: who needs the history of geography? **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 20, p.417-419, 1995.
- BARROS, N. C. de. Ensaio sobre as renovações recentes na Geografia Humana. **Mercator**, Fortaleza, v.2, n.4, p. 7-18, 2003.
- BARROS, N. C. de. Notas sobre contribuições da antiguidade clássica ao pensamento geográfico. **Revista de Geografia**, Recife, v. 21, n.2, p.77-84, 2004.

- BARROWS, H. H. Geography as Human Ecology. **Annals of The Association of American Geographers**, v. 13, n.1, p.1-14, 1923.
- BRUNHES, J. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Econômica, 1962.
- BURY, J. **The ideia of progress**. New York: MacMillan/Dover, 1932.
- CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea: una introducción a la Geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CLAVAL, P. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona: Oikus-tau, 1974
- CLAVAL, P. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- CHOLLEY, A. **Guide de l'étudiant en géographie**. Paris: PUF, 1942.
- DICKINSON, R. **The Makers of Modern Geography**. London: Routledge and Kegan Paul, 1969.
- DINIZ, A. F. Modelos e paradigmas na Geografia. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 2, p.5-42, 1971.
- DINIZ, A. F. **Geografia da Agricultura**. São Paulo: Difel, 1984.
- DUNBAR, G. (Ed.) **Geography: discipline, profession and subject since 1870 – an international survey**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.
- ELKINS, T. Human and Regional Geography in the German-Speaking lands in the First Forty Years of the Twentieth Century. In: **Reflections on Richard Hartshorne's the Nature of Geography**. Washington DC: The Association of American Geographers, 1989. p.17-34.
- ETGES, V. **Geografia Agrária: a contribuição de Leo Waibel**. S. Cruz do Sul: Edunisc, 2000
- FERREIRA, D. A. **Mundo rural e Geografia: Geografia Agrária no Brasil 1930-1990**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- HART, J. The highest form of The Geographer's Art. **Annals of The Association of American Geographers**, v.72, n.1, p 1-29 (presidential address Apr 21st 1981 at AAG Meeting, LA), 1982.
- HARTSHORNE, R. **The Nature of Geography**. Pensilvania: AAG, 1939.
- HEFFERNAN, M. Histories of Geography. In: HOLLOWY, S.; RICE, S.; VALENTINE, G. (Ed.) **Key concepts in Geography**. London: Sage, 2003. p.3-22.
- HEIDEMMAN, D. et al. Karl August Wittfogel: marxismo e geografia. **Seleção de Textos da AGB**, São Paulo, v. 20, p.1-17, 1992.
- HOLT-JENSEN, A. **Geography: history and concepts**. London: Paul Chapman, 1988. (tradução do alemão por B. Fullerton)
- HOOSON, D. Geography in Russia: Glories and Disappointments. In: DUNBAR, G. (Ed.) **Geography ...** 2001. p.225-243. op.cit.
- HUMBOLDT, A. **Cosmos: a sketch of a Physical description of the Universe**. London: Henry G. Bohn, 1952. 4 vols.
- KOCH-GRÜNBERG, T. **Del Roraima al Orinoco**. Caracas: Banco Central de Venezuela, 1966. 3 vols.
- LIVINGSTONE, D. **The Geographical Tradition**. London: Blackwell, 1992.
- LIVINGSTONE, D.; WHITERS, C. (Ed.). **Geography and Enlightenment**. University of Chicago Press, 1999

- LOWENTHAL, D. **The Past is a foreign country**. Cambridge University Press, 1985.
- MONTEIRO, C.A. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000.
- PFEIFER, G. Bibliografia do autor. In: WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. p.17-21.(transcrição de trabalho publicado em 1952).
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. (trad. Cecília França).
- RATZEL, F. **Sketches of Urban and Cultural Life in North America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988. (tradução para o inglês por S. Stehlin, e originalmente publicado em 1876 na Alemanha).
- RATZEL, F. Antropogeografia. In: **RATZEL: coletânea...**op.cit. pp.32-107.
- RATZEL, F. **History of Mankind**. MacMillan. 1897.
- RATZEL: coletânea**. Introdução e Organização por A . C. Robert de Moraes. São Paulo: Ática, 1990.
- RICOEUR, P. **Nomes de Deuses: o único e o singular**. Belém do Pará/São Paulo: Editora da U. Estadual do Pará/Editora da UNESP, 1999. (tradução de Maria Leonor Loureiro /entrevistas).
- RITTER, C. Introduction à la Géographie Generale Comparée. **Cahiers de Géographie de Besançon**, França, n. spéciale 22, 1974. Originalmente publicado em 1852.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SAUER, C. **Agricultural Origins and Dispersals**. Massachusetts: MIT, 1952.
- SAUER, C. The formative years of Ratzel in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 61, n.2, p. 245-254, 1971.
- SCHAEFER, F. Excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 7, n.13, p.5-37, 1977. (tradução por John McPherson do original publicado nos **Annals of the Association of American Geographers** v. 43, n.3, 1953)
- SCHELHAAS, B.; HÖNSCH, I. History of Germany Geography: worldwide reputation and strategies of nationalization and institutionalization. in: DUNBAR, G. (Ed.). **Geography: ...** 2001, p.9-44, op.cit.
- SEEMANN, J. Mercator e os Geógrafos: em busca de uma "projeção" do Mundo. **Mercator**, Fortaleza, v.2, n.3, p.7-18, 2002.
- SPETH, W. **How it came to be: Carl Sauer, Franz Boas and the Meanings of Anthropogeography**. Washington: Ephemera Press, 1999.
- STODDART, D. Geography and the Ecological Approach: the ecosystem as a geographic principle and method. **Geography**, v. 50, p. 242-251, 1965.
- STODDART, D. Darwin's impact on Geography. **Annals of The Association of American Geographers**, v. 56, p. 683-689, 1966.
- STODDART, D. Geography – a European science. **Geography**, v. 67, p.289-296, 1982.
- TATHAM, G. Geography in the Nineteenth Century. In: TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century...**, 1967, p.28-69, op.cit.
- TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century: a study of growth, fields, techniques, aims and trends**. London: Methuen, 1967.

VALVERDE, O . Apresentação. In: WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. p.13-16.

VALKENBURG, S. The German School of Geography. In: TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century...** , 1967, p.91-115, op.cit.

WAIBEL, L. Curriculum vitae. In: _____. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. p.7-8. (escrito em 1950).

WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

Recebido em setembro de 2005

Aceito em outubro de 2005